

ENQUADRAMENTO

Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito*

Ricardo Fabrino Mendonça
Paula Guimarães Simões

Introdução

O conceito de enquadramento tem impulsionado investigações empíricas de diversas naturezas no campo das ciências humanas (Weaver, 2007; Reese, 2007; Van Gorp, 2007). Retomado como ferramenta teórica apta a captar a dimensão simbólico-interpretativa das relações sociais, o conceito ganhou projeção em estudos sociológicos, políticos, comunicacionais e psicológicos. Por meio da

* Somos gratos à Capes e à Fapemig pelo apoio que concederam a projetos que possibilitaram a elaboração deste artigo. Também manifestamos nossos agradecimentos ao Gris e ao EME pelas ricas discussões em torno do conceito de enquadramento ao longo de tantos anos. Por fim, agradecemos aos pareceristas anônimos de *RBCS* pela leitura instigante do presente trabalho.

análise de enquadramento, já se estudaram objetos tão diversos como campanhas políticas, *reality shows*, grandes eventos públicos, movimentos sociais e conversas informais. Heuristicamente rica e bastante maleável, a noção parece se adaptar a diferentes problemas de pesquisa, embasando abordagens metodológicas distintas.

É importante perceber, contudo, que essa ampla utilização do conceito pode gerar duas consequências perigosas. A primeira é a perda de precisão conceitual. Na medida em que a definição de um conceito se expande para abarcar fenômenos diferentes, há prejuízos no que concerne à sua exatidão. Os limites e contornos do conceito tornam-se dispersos e pouco claros. A segunda consequência potencialmente perigosa diz respeito a uma eventual fratura do conceito. Para além da expansão semântica, o conceito passa a ser usado com sentidos diferentes e, muitas vezes, conflitantes. Ainda que o termo pareça articular estudos diversos, o que se nota é o sur-

gimento de um terreno teórico não partilhado; ou melhor, a emergência de terrenos teóricos distintos.

No caso específico do conceito de enquadramento, há indícios de um processo de fratura, como percebido por Entman (1993). Em nossa perspectiva, essa fratura pode ser heurísticamente perigosa, mas ela também é promissora ao insinuar caminhos e abordagens que podem se complementar. O objetivo do presente artigo é discutir essas questões. Para tanto, iniciamos com uma exploração das raízes do conceito de enquadramento nas obras de Gregory Bateson e Erving Goffman. Na sequência, abordamos três vertentes de investigação calcadas na noção, explicando diferentes modalidades de operacionalização da *análise de enquadramento*. Por fim, concluímos com uma sucinta discussão sobre os perigos e as possibilidades que emergem dessa fratura. Advogamos que é preciso cautela com as abordagens pautadas pelo individualismo metodológico e pela descontextualização da noção de enquadramento, na medida em que elas desvirtuam a própria base do conceito. Também defendemos a possibilidade de combinação de análises de discurso atentas à metacomunicação e ao conteúdo comunicacional.

As bases do conceito de enquadramento

Contribuição de Bateson

A noção de *enquadramento* (ou *enquadre*) foi originalmente proposta por Gregory Bateson¹ em suas reflexões no campo da psicologia. Buscando compreender o fenômeno da esquizofrenia, bem como as relações travadas no processo psicoterápico, o autor dedicou-se vigorosamente ao estudo da comunicação, ressaltando as raízes interacionais de psicopatologias (Winkin, 1998, pp. 48-49).² É esse foco comunicacional que leva Bateson a propor o conceito de enquadramento em um texto apresentado no encontro da Associação Americana de Psiquiatria, em 1954. Intitulado “A theory of play and fantasy”, o artigo foi publicado no ano seguinte na *American Psychiatric Association Research Reports*. Nele, o autor busca explicar como as interações

ancoram-se em quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos.

Para explicar essa questão, Bateson parte de uma distinção de vários níveis presentes na comunicação verbal humana. Para ele, toda mensagem apresenta, para além de um nível *denotativo* (de conteúdo), um nível *metalinguístico* e um nível *metacomunicativo* (Bateson, 2002, p. 87). O nível *metalinguístico* diz respeito ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. O nível *metacomunicativo*, por sua vez, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre os falantes. Desse modo, Bateson enfatiza que, mais do que conteúdos, enunciados comportam marcas que balizam a interação estabelecida.

Para perceber esses níveis nos processos de comunicação, Bateson parte da observação de animais como lontras e macacos, em um zoológico de São Francisco. O objetivo da experiência era “procurar critérios comportamentais que pudessem indicar se um dado organismo é ou não capaz de reconhecer que os indícios emitidos por ele mesmo e por outros membros de sua espécie são sinais” (*Idem*, p. 88). A partir disso, seria possível perceber a existência ou não de mensagens metacomunicativas nas interações entre os animais. Da observação de uma brincadeira entre macacos, Bateson chega a uma primeira definição do *enquadre*:

[...] vi dois jovens macacos *brincando*, isto é, envolvidos em uma sequência interativa na qual as ações ou sinais, individualmente, eram semelhantes, mas não idênticos, aos de um combate. Era evidente, mesmo para um observador humano que, para os macacos participantes na atividade, aquilo era “não-combate”. Ora, esse fenômeno, o da brincadeira, só poderia ocorrer se os organismos participantes fossem capazes de algum grau de metacomunicação, isto é, de trocarem sinais que levassem a mensagem “Isto é brincadeira” (*Idem*, p. 89, grifo do autor).

Essa mensagem metacomunicativa (*Isto é brincadeira*) é o *enquadre* que permite compreender o que está acontecendo naquela situação. É ela

que permite identificar que essa sequência não é uma luta. Por conta disso, Bateson afirma que esse tipo de mensagem contém uma meta-asserção que nega as aparências fornecidas pelo conteúdo mais imediato: “Expandida, a asserção ‘Isto é brincadeira’ parece algo como: ‘Estas ações nas quais estamos presentemente engajados não denotam o que aquelas ações *que elas representam* denotariam” (Idem, p. 89, grifos do autor).

Com base nessa observação, Bateson propõe a adoção da ideia de *enquadre* para refletir sobre a comunicação entre terapeuta e paciente no contexto da psicoterapia. Trata-se de um conceito psicológico que oferece instruções para que o interlocutor perceba que mensagens estão incluídas e/ou excluídas em determinada situação. Nesse sentido, na visão de Bateson, todo *enquadre* é metacomunicativo e toda metacomunicação define um *enquadre* (Idem, p. 99). Isso significa que todo enquadramento permite indicar o tipo e a natureza da interação entre os interlocutores em determinada situação. Ao mesmo tempo, toda mensagem que faça referência à natureza da relação entre os sujeitos delimita um *enquadre* que permite compreender a situação ali delineada, assim como as regras implícitas que orientam as ações dos sujeitos.

Ainda que essa discussão sobre os enquadramentos tenha sido desenvolvida para refletir sobre fenômenos particulares da psicoterapia, ela pode ser apropriada para analisar outros processos comunicativos. Em todo tipo de interação comunicacional expressam-se conteúdos, ao mesmo tempo em que se tematizam a própria linguagem e a relação entre os interlocutores. Essa definição situacional pragmaticamente elaborada ao longo da interação indica aos sujeitos como devem agir, abrindo-lhes campos de possibilidades e obstruindo-lhes outros veios de ação imagináveis. Os sujeitos devem estar atentos aos sinais que delimitam ou contextualizam os *enquadres*, a fim de “fornecer uma resposta adequada à situação presente e melhor corroborar a construção da comunicação em curso” (Ribeiro e Garcez, 2002, p. 86). Sempre presente, o enquadramento possibilita identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e o envolvimento dos atores nela.

Importante salientar, ainda, que os quadros não são inventados pelos sujeitos, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados. Embora Bateson não enfoque a ideia de cultura nesse trabalho específico, seu conceito implica a existência de uma intersubjetividade fundante que permite a partilha do *enquadre* e a definição da situação.³ É a atualização situacional de um conhecimento comum que permite que os sujeitos operem com um conjunto de regras e normas guiando suas ações.

Tais ideias são trabalhadas com devida cautela pelo sociólogo Erving Goffman, que ficou mais associado ao conceito do que o próprio Bateson. É às formulações do microssociólogo canadense que nos voltamos na próxima seção.

A apropriação de Erving Goffman: Frame Analysis

Erving Goffman desenvolve o conceito de *enquadramento* em diálogo com o pragmatismo de William James, a fenomenologia de Schütz, a etnometodologia de Garfinkel e a ideia batesoniana de *enquadre*.⁴ Em *Frame analysis: an essay on the organization of experience* (1986), o autor delimita e aplica o conceito a diversas sequências interativas, explorando sua vitalidade metodológica para a realização de uma microssociologia sistemática. O objetivo de Goffman não é o de investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: “O que está acontecendo aqui?”. Para o autor, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação.

Na trilha de Bateson, Goffman define *frame* como o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (Goffman, 1986, pp. 10-11). São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a *definição da situação*⁵ pelos sujeitos. Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar perante ele.

Goffman (*Idem*, p. 9) ressalta que, evidentemente, na maioria das situações, muitas coisas diferentes estão acontecendo ao mesmo tempo, ou seja, pode haver sobreposição de quadros. Mas, para o autor, é possível isolar alguns dos quadros básicos disponibilizados pela cultura, a fim de compreender a organização da experiência. É assim que o sociólogo parte para uma caracterização dos quadros, começando pelos quadros primários.

Os quadros primários são entendidos por Goffman como aqueles cuja aplicação é mais imediata e direta em uma cultura. Eles permitem ao usuário “situar, perceber, identificar e rotular um número quase infinito de ocorrências concretas definidas em seus termos” (*Idem*, p. 21). É a partir de tais quadros tácitos que se podem identificar e descrever os acontecimentos aos quais se aplicam, bem como as formas de engajamento dos sujeitos diante deles. Ainda que não sejam absolutamente fixas, essas molduras também não se modificam a partir da criatividade isolada dos indivíduos. Os quadros primários são construídos e modificados social e contextualmente, sendo, pois, elemento central da existência intersubjetiva de uma coletividade (*Idem*, p. 27).

Para discutir as transformações nos quadros primários, Goffman introduz os conceitos de *key* (chave) e *keeing*. A *chave* diz respeito a um conjunto de regras e convenções a partir das quais uma atividade é transformada em outra, partindo de um quadro primário e atualizando-o (*Idem*, pp. 43-44). Por meio dessa noção, o autor destaca a possibilidade de transformação e a sobreposição de quadros.

A preocupação com as mudanças e as sobreposições de quadros também fica clara na ideia de *footing*,⁶ que diz respeito à postura ou ao posicionamento dos interlocutores engajados em uma interação. O *footing* é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação e está diretamente ligado aos *enquadres* dos acontecimentos:

Uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em

nosso *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos (Goffman, 2002, p. 113).

Footing é a expressão usada por Goffman para nomear o posicionamento dos sujeitos em determinada situação. Uma transformação nessa postura implicará alterações no modo como a situação em questão é definida. Assim, os *footings* e os *enquadramentos* são dinâmicos e discursivos e devem ser apreendidos e compreendidos a partir da situação em que a interlocução entre os sujeitos ocorre. Como explicam Ribeiro e Garcez,

[...] os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais (uma fala afável, sedutora), papéis sociais (um executivo na posição de chefe do setor), bem como intrincados papéis discursivos (o falante enquanto animador de um discurso alheio) (2008, p. 107).

Dessa forma, se os *enquadramentos* identificam os princípios de organização que presidem uma situação e o engajamento dos atores nela, os *footings* referem-se de modo mais específico ao posicionamento de tais atores em uma interação com um enquadramento definido, mas passível de transformações. Nesse sentido, *frames* e *footings* devem ser analisados em articulação nas reflexões sobre as interações.

Como se nota, em Goffman, os *frames* não são estratégias simplesmente construídas por atores sociais para influenciar seus interlocutores. Trata-se de uma estrutura de sentido processualmente delineada por meio do encontro de sujeitos em uma situação. Para o sociólogo, os atores não são completamente livres e independentes no engajamento interacional. Eles são configurados pela situação, que os precede embora eles atuem sobre ela. A microsociologia de Goffman não é uma apologia das agências individuais, mas o reconhecimento de que essas agências se conformam no interior de situações concretas e específicas, ao mesmo tempo em que as transformam.⁷

Possibilidades de operacionalização do conceito

Exploradas as bases da noção de enquadramento, faz-se importante discutir, agora, o modo como ela tem sido operacionalizada em diversas pesquisas empíricas. Vários autores têm buscado classificar distintos tipos de análises de enquadramento. D'Angelo (2002), por exemplo, explora a forma como a noção é empregada por estudos que operam com três paradigmas distintos: cognitivo, construcionista e crítico. A classificação sugerida por Mauro Porto (2004) enfatiza a existência de enquadramentos noticiosos e de enquadramentos interpretativos. Os primeiros estão centrados no ângulo das notícias, o qual é geralmente construído pelos jornalistas, ao passo que os segundos enfocam as avaliações de temas e eventos realizadas por diferentes atores sociais. Chong e Druckman (2007a e b) distinguem *frames* em pensamento de *frames* em comunicação, separando a compreensão cognitiva dos indivíduos de sua materialização simbólica.

Neste artigo, estabelecemos uma categorização centrada em três grandes modelos de apropriação do conceito. O primeiro é composto por estudos que enfocam e analisam a situação comunicativa, buscando pensar a maneira como mensagens metacomunicativas participam de sua definição. Uma segunda vertente inclui pesquisas que adotam o enquadramento para realizar análises de conteúdo discursivo, explorando as molduras e as saliências produzidas por enunciados. Por fim, a terceira perspectiva dedica-se ao estudo de *frame effects* produzidos pela adoção estratégica de discursos.

Vale salientar que, em todas as três abordagens, um objeto de pesquisa tem se mostrado alvo privilegiado das análises: os discursos midiáticos. Embora as investigações de Bateson e Goffman tenham se dedicado à comunicação face a face, cresce o número de estudos de enquadramento voltados à análise das interfaces entre *media*, sociedade e política. Tal interesse se deve à percepção de que quadros específicos adquirem visibilidade nos *media* e atravessam outros processos sociais. O cuidadoso levantamento produzido por Weaver (2007) demonstra, inclusive, que a noção vem ocupando o lugar de outros conceitos, como o de *agenda-setting*. Nossa análise

das operacionalizações da noção de enquadramento abordará muitos estudos centrados nos *media*, embora não se restrinja a eles.

Análise da situação interativa

A primeira vertente de investigação a ser mencionada parte do conceito de enquadramento para a microanálise de interações sociais. Os estudos realizados pelo próprio Goffman inserem-se aqui. O autor busca pensar, por exemplo, como situações interacionais distintas moldam as relações ali estabelecidas. Ele investiga o modo como nos deslocamos por quadros como “cotidiano”, “ficção”, “sala de aula” ou “sonho” para dotar o mundo de sentido.

Keys (chaves), como o *faz de conta*, as *competições*, as *cerimônias* e as *repetições técnicas*, permitem que alteremos quadros primários, entendendo o que realmente está acontecendo. Além disso, Goffman se interessa particularmente por pequenas ações ordinárias que deslocam os quadros ou evidenciam sua fragilidade. Quando disparamos a rir em uma situação formal ou começamos a brigar de fato em uma “brincadeira de mão”, estaríamos promovendo essas mudanças de quadro por meio de nossos próprios posicionamentos.

Tendo em vista esses deslocamentos e desajustes de *enquadres*, Goffman (1986) ressalta a importância de *alinhamentos* em diversas interações sociais. Em algumas circunstâncias, é preciso fazer um esforço deliberado de definição de um quadro compartilhado para que a interação possa prosseguir. Essa questão torna-se evidente em algumas situações interculturais, quando os participantes parecem não compreender ao certo as mensagens e metamensagens intercambiadas. Nessas circunstâncias, o alinhamento de quadros se faz vital para que a interação não seja incompreensível.

A perspectiva adotada por Daniel Cefaï também pode ser situada nessa primeira vertente de investigação. O pesquisador procura compreender o legado de Goffman para a sociologia da ação coletiva e frisa que “a análise das operações de enquadramento é indissociável da análise das situações em que elas são realizadas” (Cefaï, 2007, p. 550). A ênfase de Cefaï é, portanto, na *situação*, que deve ser pensada não apenas como resultado de objetivos

estratégicos, afinal, “a análise de enquadramento diz respeito à organização da experiência na situação” (*Idem*, p. 559). É nesta que podemos perceber “o que está acontecendo” em determinado contexto, assim como possíveis mudanças de quadros, a partir do engajamento dos sujeitos.

Segundo Cefai, a perspectiva goffmaniana é muito frutífera para refletir sobre os *contextos de micromobilização* e permite pensar a ação coletiva como “uma *configuração de ações situadas*” (*Idem*, p. 628). Os contextos de micromobilização são

[...] os acontecimentos práticos e discursivos que ocorrem no mundo vivido dos indivíduos, as situações que os afetam, convocam-nos a interagir e a se unir em um coletivo. O alinhamento das operações de enquadramento é, então, estudado nos lugares e nos momentos de copresença, sem que seja perdida sua dinâmica temporal e interacional *in situ* (*Idem*, p. 626)

A análise de enquadramento com ênfase na situação interativa vem sendo desenvolvida, no Brasil, por um grupo de pesquisadores liderados por Vera França. Bastante fiel ao viés goffmaniano, o grupo tem operacionalizado o conceito de enquadramento para a compreensão de diversos fenômenos midiáticos. A própria pesquisadora concluiu recentemente uma investigação sobre o sequestro da jovem Eloá pelo ex-namorado Lindenberg, que teve grande repercussão na mídia brasileira em outubro de 2008.⁸ Resgatando a noção de *acontecimento* de Louis Quéré (1995, 2000), França buscou refletir sobre o modo como o processo de descrição do evento o insere em certos quadros de sentido:

Os quadros de sentido (ou *frames*) identificam, organizam e dão inteligibilidade às interações vividas; eles situam uma ocorrência vivida dentro de um dado contexto normativo, permitindo aos atores identificar a situação, adequar suas expectativas e orientar sua ação (França, 2009, p. 14).

Em face do sequestro de Eloá, marcado por negociações e pelo desfecho trágico, os vários dispositivos midiáticos inscreveram o acontecimento

em um quadro que permitia ler a cena desdobrada diante das câmeras, além de definir os personagens envolvidos: o sequestrador e a vítima (personagens frágeis e sofredores), bem como o público ampliado que assiste à cena pela TV, em um misto de comoção e indignação (França, 2009). A análise revela que o sequestro foi, a princípio, inscrito em um quadro mais amplo de violência urbana no Brasil, ao lado de outros casos que envolvem dramas individuais. A mídia não noticiou o crime a partir do quadro de violência de gênero, que exporia um contexto patriarcal, fortemente assentado em valores machistas.

A investigação de Leonardo Pereira (2009) sobre o programa *Pânico na TV* (Rede TV) também é ilustrativa dessa abordagem focada na situação. O pesquisador adota a análise de enquadramento como *procedimento síntese* para compreender a proposta de interação construída pelo programa com as celebridades que aborda e com o público a quem se dirige. Segundo o pesquisador, o quadro permite identificar as ações dos sujeitos e seus engajamentos e posicionamentos (os *footings*, no dizer de Goffman). A análise de enquadramento possibilita perceber os diferentes graus de força que os interlocutores dispõem para definir as situações e os quadros que as regem. Além disso, a identificação do quadro permite apreender o contexto em que as interações (dentro do programa e entre este e a audiência) se realizam.

Uma das interações analisadas pelo pesquisador foi a construída entre os repórteres do programa e uma *aspirante à celebridade* (Dona Matilde). Pereira procura demonstrar a força do programa para definir a situação ali delineada e, consequentemente, o lugar dos interlocutores. O quadro proposto pelo *Pânico* posiciona Dona Matilde como uma mulher comum, que sonha em integrar o universo das celebridades e que estaria tentando entrar em uma festa sem ser convidada. Inicialmente, ela tenta rechaçar o quadro, mas acaba por ser subjugada ao *frame* cômico que lhe é imposto. É alvo da zombaria e do riso dos entrevistadores e do público. A análise mostra a assimetria dos sujeitos em uma dada situação, sendo que outras interações analisadas por Pereira revelam configurações distintas de poder.

Também merecem menção dois estudos que articulam a noção de enquadramento à de *performance* na análise de *reality shows*. Andalécio (2010) procura compreender o desempenho dos participantes do programa *Ídolos*, destacando que as *performances* de tais personagens acionam quadros de sentido. Meniconi (2005), por sua vez, analisa as *performances* de participantes do *Big Brother Brasil III* (exibido em 2003), mobilizando o conceito de *frame* para mapear as interações possibilitadas pelo programa.⁹ Ambos os estudos procuram perceber os valores sociais evidenciados no desempenho dos participantes, a partir da análise de enquadramento. Ao identificar os quadros que orientam distintas situações interativas, investigam-se as formas como os sujeitos definem situações e agem no interior delas, atualizando valores sociais.

O que se percebe nas pesquisas citadas nesta seção é que o *enquadre* se aproxima da ideia de *contexto*,¹⁰ ainda que não sejam sinônimos. Os quadros são vistos como as molduras que permitem identificar a situação interativa, bem como o envolvimento dos atores ali. Além disso, de alguma forma, eles revelam valores e traços que constituem o contexto social mais amplo de uma sociedade.

Análise de conteúdo discursivo

A segunda vertente de estudos pautados pela noção de enquadramento emprega-a como operador para a realização de análises de conteúdo. A ideia é analisar enunciados e discursos de natureza variada, captando o modo como a realidade é enquadrada por eles. No cerne desse tipo de operacionalização reside uma preocupação em compreender o modo como discursos estabelecem molduras de sentido, enquadrando o mundo a partir de perspectivas específicas. Busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir certa trilha interpretativa. Tal abordagem tornou-se a mais empregada tanto em estudos de jornalismo como naqueles de comunicação e política.

Um importante marco dessa vertente é o texto de Robert Entman, em que o autor explica que “enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comuni-

cativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado” (Entman, 1993, p. 52). Visto que os *frames* podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções, fica evidente sua dimensão política. Importante destacar, ainda, que Entman defende que tais enquadramentos perpassam todo o processo comunicativo: eles se situam nos interlocutores, nos textos e na própria cultura. Assim, o poder de enquadrar algo não está em nenhuma dessas instâncias, mas na relação entre elas.

Maurice Mouillaud também enfatiza o modo como discursos estão baseados em quadros que, simultaneamente, salientam determinados elementos da realidade e produzem *regiões de sombra*:

[...] a moldura opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização: um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque, interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro (Mouillaud, 2002, p. 61).

O foco dessa vertente de *análise de enquadramento* volta-se, pois, para a percepção do modo como discursos enquadram o mundo, tornando acessíveis perspectivas específicas de interpretação da realidade. É esse enfoque que transparece no estudo precursor de Todd Gitlin (1980) sobre a cobertura jornalística em torno de movimentos pacifistas na guerra do Vietnã, bem como na análise de Alessandra Aldé (2004) acerca do tratamento midiático dado à guerra do Iraque. O viés também embasa a ampla pesquisa realizada por Ferree e colaboradores (2002) em torno dos discursos sobre aborto nos Estados Unidos e na Alemanha e o estudo de Andrea Azevedo (2009) sobre o mesmo tema no Brasil. Vale citar, ainda, a existência de interessantes pesquisas sobre o modo como a TV enquadra uma eleição presidencial e seus candidatos (Porto, 2004; Albuquerque, 1994).

O mapeamento de controvérsias públicas por meio da noção de enquadramento mostra-se igualmente assentado nesse viés. Convém mencionar, aqui, o artigo de Simon e Xenos (2000) sobre a

maneira como diferentes enquadramentos midiáticos acerca de uma greve fomentaram um processo deliberativo. Os autores apontam que a deliberação é marcada por enquadramentos em competição. De modo similar, o grupo de pesquisa liderado por Rousiley Maia tem promovido diversas investigações que operacionalizam o conceito de enquadramento para compreender intercâmbios deliberativos (Maia, 2009). Vale citar também a leitura de Ângela Marques (2007) sobre as interpretações do Programa Bolsa Família nos *media* e em conversações cotidianas; a análise feita por Mendonça e Santos (2009) acerca do debate público no referendo brasileiro sobre a comercialização de armas de fogo; e a investigação de Ana Carolina Vimieiro (2010) em torno das transformações de enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira em um período de 48 anos.

Todos esses estudos buscam pensar o modo pelo qual proferimentos intercambiados em situações controversas expressam formas alternativas de interpretar uma dada situação. Evitando prosseguir com uma infundável enumeração de estudos abrigados por essa vertente, interessa-nos ressaltar, por fim, a influência das pesquisas promovidas por William Gamson na consolidação desse modelo. Além da participação no já mencionado projeto comparativo sobre o aborto em dois países (ver Ferree *et al.*, 2002), Gamson é coautor de um dos artigos mais citados em estudos de enquadramento: “Media discourse and public opinion on nuclear power” (Gamson e Modigliani, 1989). Defendendo um enfoque construcionista, os autores propõem a noção de *pacotes interpretativos* para entender as interpretações publicamente expressas sobre energia nuclear. De acordo com eles: “Um pacote tem uma estrutura interna. Em seu âmago, está uma ideia organizadora central, ou *frame*, para dar sentido a eventos relevantes, sugerindo o que está em questão” (*Idem*, p. 3). Um pacote oferece símbolos de condensação, e alguns deles se fazem mais fortes em virtude de seus promotores e da ressonância com os quadros culturais mais amplos.

Em 1992, Gamson apresentou os resultados de uma longa investigação em *Talking politics*. Na obra, o autor analisa o modo como diversas questões controversas (ação afirmativa, energia nuclear,

políticas industriais e o conflito árabe-israelense) eram enquadradas nos meios de comunicação e em conversações informais. Gamson cita três tipos essenciais de enquadramento mobilizados em batalhas simbólicas. Os *frames de injustiça* referem-se à indignação moral expressa em palavras, apresentando denúncias e culpados. Os *frames de agência* são mais propositivos e partem da ideia de que é possível superar problemas por meio da ação coletiva. Por fim, notam-se os *frames de identidade*, marcados por sucessivas tentativas de definir um “nós”.

Essa segunda vertente de operacionalização da análise de enquadramento, discutida ao longo da presente seção, compartilha a ideia goffmaniana de que enquadramentos são estruturas que orientam a percepção da realidade e a ação dos sujeitos sobre ela. Tal como na primeira vertente, investigam-se as molduras de sentido que balizam os comportamentos das pessoas. Diferentemente dela, contudo, o foco não está na situação ou no contexto pragmático da interação, mas no próprio conteúdo dos discursos. É no conteúdo que se busca o quadro, visto como uma espécie de ângulo, que permite compreender uma interpretação proposta em detrimento de outras.

Análise de efeito estratégico

O último tipo de operacionalização da análise de enquadramento a ser explorado toma o conceito como um ângulo discursivo estrategicamente mobilizado por determinado ator social para produzir certos efeitos. Há muitos trabalhos situados na zona cinzenta entre a segunda e a terceira vertentes. Observam-se, contudo, duas diferenças primordiais: o foco nos efeitos dos enquadramentos (*framing effects*) e o desenraizamento cultural dos quadros. Nessa vertente, os *enquadres* não são vistos como molduras de sentido partilhadas e discursivamente mobilizadas. Elas se tornam estratégias de construção de proferimentos para gerar determinados efeitos.

A literatura sobre *framing effects* está alicerçada em investigações empíricas no campo da psicologia cognitiva acerca do modo como a organização de enunciados influencia a opinião de seus receptores.

Os estudos de Kahneman e Tversky na década de 1980 forneceram ilustrações claras da maneira pela qual proposições com implicações idênticas poderiam levar a posicionamentos díspares por parte dos receptores. Como explicam Chong e Druckman, *framing effects* “ocorrem quando (geralmente pequenas) mudanças na apresentação de uma questão ou de um evento produzem (às vezes grandes) mudanças de opinião” (2007a, p. 104).

No campo da comunicação política, essa vertente de pesquisas está associada aos estudos de *agenda setting* e *priming*. Como demonstra o cuidadoso levantamento feito por Weaver (2007), a noção de enquadramento foi usada por muitos estudos como sinônimo da definição midiática da agenda, vindo a suplantar o uso dos conceitos alternativos, sobretudo, a partir da segunda metade dos anos de 1990. Nesses estudos, *frames* são vistos como instrumentos empregados para influir sobre os rumos da opinião pública. Eles estão diretamente ligados às intenções daquele que enquadrava, configurando-se como estratégia política (Reese, 2007).

Assim, investiga-se a maneira pela qual atores sociais adotam *frames* taticamente diante de outros atores (McAdam, 1996; Levin, 2005).¹¹ Estuda-se a competição entre elites políticas, bem como entre elas e os atores dos *media*, na construção das notícias (Callaghan e Schnell, 2001). Analisa-se o modo como pequenas alterações na forma de apresentar os fatos podem determinar a apreensão das massas acerca de um fenômeno (Druckman, 2004). Critica-se o perigo de os enquadramentos midiáticos cercearem um debate realmente denso e complexo (Bohman, 2007) e buscam-se soluções para “evitar” os *framing effects*. Mede-se a suscetibilidade das pessoas aos *frames* em diversas circunstâncias e propõem-se fatores que podem restringir o impacto dos *frames* (Druckman e Nelson, 2003). E é com certa consternação que se constata que os cientistas sociais ainda não foram capazes de definir qual dos enquadramentos deveria moldar a opinião pública em uma situação controversa (Chong e Druckman, 2007b, p. 100).

Fica patente que essas análises apenas desenvolvem, com o rigor quantitativo da era dos computadores, o paradigma comunicativo que marca a

Mass Communication Research norte-americana desde o início do século XX. Tanto que a noção de *frame* é reduzida à de agendamento; conceito que refina, sem descartar, uma ideia linear de comunicação (Schudson, 2002, p. 265). As pesquisas dessa vertente estudam como a comunicação pode ser enviesada de modo a influenciar as pessoas ou que tipos de constrangimentos podem limitar esses efeitos diretos. *Frames* são, aqui, um viés construído pelo enunciador.

Quadros como construções culturais

Uma vez abordadas as três supramencionadas vertentes de análise, é preciso, agora, refletir sobre suas contribuições e possíveis riscos. Com isso, não se busca simplesmente eleger a perspectiva mais fidedigna às origens do conceito ou aquela que seria correta. Nosso intuito é refletir sobre a riqueza da noção de enquadramento, sendo que tal proficiência envolve sua adaptabilidade a diferentes problemas, desenhos e objetos de pesquisa. A fratura do conceito diagnosticada por Entman (1993) não é, pois, inteiramente maléfica e pode conduzir a leituras mais complexas, como percebe D’Angelo (2002). Isso não quer dizer, contudo, que as abordagens de todas as vertentes sejam desprovidas de riscos.

Nesse sentido, a primeira vertente revela-se particularmente rica para a compreensão da estrutura da experiência e das interações sociais. O olhar focado na situação interativa e a atenção a diferentes planos da interação permitem perceber o modo como diversos atores sociais mobilizam enquadramentos e se posicionam diante deles. A abordagem é bastante interessante para estudos microssociológicos, mostrando-se útil, por exemplo, na análise de conversação de pequenas sequências interativas. Ao elucidar o modo pelo qual diferentes atores se posicionam em face dos outros, tal vertente possibilita investigar o permanente trabalho de cristalização, atualização e transformação das regras e convenções que balizam as interações, atualizando valores e normas sociais.

Apesar dessas ricas contribuições, esse tipo de análise também pode incorrer em alguns riscos. O primeiro diz respeito ao perigo de negligenciar

a questão do poder na consolidação e na transformação dos enquadramentos. Frequentemente, os *frames* são pensados como esquemas interpretativos no interior dos quais os atores circulam, construindo e alterando sentidos. Reconhece-se a força da cultura, mas, em alguns casos, não se problematiza o modo como diferentes atores tentam impor determinados enquadramentos e as dificuldades vivenciadas por atores fracos em suas tentativas de alterar as “chaves interpretativas”. Ao colocar uma frutífera lupa sobre microrrelações sociais, essa primeira vertente descortina um mundo frequentemente incapturado pelas ciências sociais, correndo o risco de deixar escapar, por sua vez, estruturas e organizações mais amplas que enquadram os próprios quadros.¹²

O segundo aspecto a ser apontado diz respeito a certa subvalorização da dimensão denotativa do discurso. Ao concentrar esforços na percepção das regras interativas e dos elementos metacomunicativos, algo apregoado por Bateson e Goffman, essa vertente tende a desconsiderar o caráter revelador de análises de conteúdo. Se o conteúdo denotativo de proferimentos não parece dar conta da compreensão do enquadramento como um todo, seu papel não pode ser reduzido. A estrutura interpretativa provida pelo enquadramento mostra-se também nos temas e nos ângulos discursivamente mobilizados pelos atores sociais.

É justamente neste ponto que a contribuição da segunda vertente fica clara. Ao focalizar os ângulos discursivos e as interpretações apresentadas, a abordagem centrada no conteúdo permite ver como os quadros se manifestam. Tal tipo de análise é fundamental para a compreensão de controvérsias públicas e de processos diacrônicos de alteração de quadros. Isso porque o enfoque permite mapear enquadramentos que ultrapassam o nível das microssequências interativas. As análises de conteúdo guiadas pela noção de enquadramento possibilitam operar com bases empíricas mais amplas e complexas.

Ainda que esse foco na análise de conteúdo possa ser rico e iluminador, ele também envolve riscos. O primeiro é retirar o peso da metacomunicação, que é um elemento fundamental da proposta de Bateson. Ao pensar os *frames* como inter-

pretações de mundo, sua natureza enfatiza o plano denotativo da linguagem, sem que se esclareça a estrutura relacional moldada pelo quadro. O segundo risco emerge da própria forma de operacionalização desse tipo de análise. Frequentemente, a análise de conteúdo reduz enquadramentos a temas facilmente delineáveis e quantificáveis. Em outros casos, análises computadorizadas baseadas na fragmentação de componentes dos enquadramentos podem transformar *frames* em ficções estatísticas, enfeixando-os em grupos que, a rigor, não se configuram como enquadramentos, mas como conjuntos de proferimentos.¹³ Por fim, convém citar um terceiro risco: o de que os quadros deixem de ser pensados como estruturas complexas para se tornarem interpretações puramente estratégicas advogadas por atores específicos. Esse último risco nos conduz à terceira vertente analisada.

Os estudos de *frame effects* buscam oferecer duas modalidades de contribuição. A primeira é a percepção de que enquadramentos só se tornam manifestos quando expressos por atores sociais que, nesse sentido, mobilizam-nos estrategicamente. A segunda seria a compreensão das consequências individuais e sociais da predominância de determinados quadros. Trata-se de objetivos consonantes com o *mainstream* da pesquisa em ciência política, voltada para o estudo de causas e efeitos políticos das ações estratégicas de atores sociais. No entanto, é preciso perceber que essa vertente se encontra em claro atrito com algumas das premissas da própria noção de enquadramento.

Bateson e Goffman buscam superar o individualismo metodológico que coloca a construção dos *frames* sob controle de indivíduos isolados. Em ambos os autores, os enquadramentos não são pensados como estratégias ou ângulos mobilizados para produzir certos efeitos. Exatamente por isso autores com Steinberg (1998) e Van Gorp (2007) têm criticado a negligência da noção de cultura em diversas pesquisas que adotam a análise de enquadramento.

Steinberg (1998, p. 849) questiona explicitamente as abordagens que consideram o *enquadramento* uma questão da cognição individual. Ele se volta para a obra de Bakhtin para destacar que os *frames* são produzidos social e discursivamente. En-

quadramentos são produto da interação, já que o discurso é mais propriamente “interdiscurso, visto que o sentido sempre reside entre e no interior da confluência de vozes que compõe a comunicação” (*Idem*, p. 853). Quadros não são sinônimo de ângulos estratégicos, mas uma maneira de entender as molduras partilhadas de sentido que envolvem os discursos ao mesmo tempo em que são atualizadas e (eventualmente) modificadas por eles.

Van Gorp (2007), por sua vez, retoma a obra de Goffman para defender a relevância da noção de *frames* na ligação entre a cognição e a cultura. De acordo com ele, *frames* não são gerados individualmente, nem utilizados de modo puramente estratégico. Eles estão disponíveis na trama intersubjetiva que liga os sujeitos, sendo que as construções comunicativas estão invariavelmente imersas em tais quadros. Os *frames* são constitutivos da comunicação.

De acordo com Van Gorp, há sempre vários *frames* possíveis nas tramas culturais, sendo que a mobilização de um enquadramento específico é fruto de uma complexa teia de variáveis que só se manifesta situacionalmente. Isso posto, um *frame* revela uma estrutura interpretativa que atravessa todo o processo comunicativo, orientando a produção de formas simbólicas e sua leitura. Ao analisar o processo por meio do qual os *media* enquadram um determinado fenômeno, Van Gorp destaca que a essência da produção do enquadramento é a interação social:

[...] enquadrar envolve um jogo que ocorre entre o nível textual (*frames* empregados pelos *media*), o nível cognitivo (esquemas da audiência e dos profissionais dos *media*), o nível extramidiático (o discurso dos defensores de certos *frames* [...]) e, finalmente, o estoque de *frames* disponível em uma dada cultura (Van Gorp, 2007, p. 64).

Esses apontamentos indicam a inadequação da terceira vertente em relação ao conceito de enquadramento. Não desejamos, com isso, negar a importância de qualquer tipo de estudo de efeito ou mesmo de abordagens pautadas pelo individualismo metodológico. Tal contestação requereria ar-

gumentos de ordem epistemológica que não foram trabalhados no presente artigo. Nosso argumento, contudo, é o de que esse viés contradiz premissas da noção de enquadramento. Além disso, a própria noção de *frame* não parece oferecer contribuições significativas a essa agenda de pesquisa, cujo poder explicativo já estava bem contemplado pelas teorias dos efeitos e pela noção de *agenda setting*.

Em contrapartida, argumentamos que as duas primeiras vertentes exploradas neste artigo são compatíveis com a noção de enquadramento. Cada uma delas adéqua-se a um tipo de investigação empírica, respondendo a problemas de pesquisa distintos. Assinalamos, ainda, que os potenciais riscos e falhas de cada uma dessas duas vertentes são endereçados pela outra. Assim, apontamos para a proficuidade de uma abordagem que busque combinar as contribuições da primeira e da segunda vertentes.

Essa abordagem deve ressaltar a dimensão pragmática da linguagem, atentando para o contexto de produção dos discursos e para os elementos metacomunicativos que estão dados pela própria situação interativa. Além disso, o viés enfatiza que quadros são construções culturais profundas que não estão à disposição dos atores sociais, embora tais atores façam parte de contínuos jogos de forças para alterar os rumos das interpretações de certos fenômenos. As interpretações e a própria estrutura dos quadros são vistas como produtos de interações sociais, sendo que a admissão desse enfoque não implica aceitar que todos os atores se situem em condição de igualdade nesse processo. É preciso ter sempre em mente o pano de fundo sociocultural mais amplo que envolve a mobilização dos enquadramentos e as lutas políticas em torno de quadros.

Por fim, salienta-se que tal abordagem deve reconhecer o profundo imbricamento entre as dimensões denotativa e metacomunicativa da linguagem, como advogado por Bateson. A atenção ao conteúdo não significa a redução do enquadramento ao tema do discurso, embora este tampouco possa ser desconsiderado como fonte de elementos metacomunicativos. Análises sistemáticas de conteúdo não se configuram, pois, como um desvirtuamento do conceito de *frame*.

Considerações finais

Este artigo buscou discutir diferentes abordagens do conceito de enquadramento. Inicialmente, expuseram-se as ideias fundamentais de Bateson e Goffman, que propeliram o crescente número de pesquisas guiadas pela noção. Em seguida, discutiram-se três vertentes diferentes de investigação empírica: 1) os estudos microsociológicos centrados na análise da situação interativa; 2) as análises de conteúdo discursivo; e 3) as análises de *framing effects*.

É preciso deixar claro que essas três vertentes não são exaustivas. Há outras abordagens nas ciências sociais, como a de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (2006). A sociologia pragmática desenvolvida por esses autores enfatiza a análise da situação e nos “convida a investigar os momentos de prova, nos quais é tornada sensível a complexidade dos contextos de experiência e de ação” (Cefaï, 2009, p.13). Entretanto, uma discussão mais aprofundada acerca da contribuição desses autores abriria uma nova frente de investigação, dada a especificidade de suas análises e o caráter singular das referências que fazem ao conceito. Tal discussão escapa aos objetivos do presente artigo, mas seria frutífero comparar, em outro estudo, as ideias de Boltanski e Thévenot às vertentes aqui enfocadas.

Neste texto, partiu-se das mencionadas três vertentes para argumentar que, ao operacionalizar a ideia de enquadramento de maneiras distintas, elas oferecem contribuições e riscos diferentes. Nesse sentido, advogou-se que a primeira e a segunda vertente não são excludentes. Elas podem tanto orientar agendas de pesquisa distintas como serem articuladas em um enfoque pragmático atento ao microcontexto situacional e ao contexto sociocultural mais amplo. Tal abordagem não descarta a relevância da análise de conteúdo, mas busca situá-la no pano de fundo mais amplo em que ocorrem as interlocuções, além de atentar para o uso efetivo da linguagem nessas interlocuções.

Com isso, sugerimos a riqueza da complementaridade entre a microanálise pragmática e a análise de conteúdo. É essa a riqueza dos *insights* originais de Bateson, que explora o entrelaçamento entre os planos denotativo e metacomunicativo da interação humana. Pragmática e semântica caminham

juntas na conformação de padrões interpretativos que marcam a inserção dos sujeitos no mundo. Uma análise de conteúdo que ultrapasse aquilo que é dito textualmente e explore a situação em que os sentidos se manifestam permite compreender a natureza e a complexidade dos quadros habitados e transformados pelos indivíduos em suas interações. Observar as formas de articulação dessas dimensões é, portanto, essencial para aqueles que se interessam pela análise de enquadramento.

É fundamental, contudo, evitar tratar como análise de enquadramento algo que contradiz premissas fundamentais dessa matriz conceitual. Muitos estudos de *framing effects* descaracterizam a noção de enquadramento na medida em que a tratam como produtos forjados estrategicamente por atores sociais para produzir determinados efeitos. Quadros não são simplesmente perspectivas ou opiniões, mas laços intersubjetivos que atravessam relações humanas e as estruturam. Sem desconsiderar que possam ser mobilizados estrategicamente, é preciso ter em mente que quadros são estruturas simbólicas que vinculam atores sociais e são por eles transformadas. Qualquer definição que se afaste desse ponto básico seria mais bem atendida por outro conceito.

Notas

- 1 Gregory Bateson apresenta formação interdisciplinar: ele parte da zoologia, passa à antropologia e acaba por se dedicar a estudos no campo da psicologia e da psiquiatria. Nascido na Inglaterra, Bateson estabeleceu-se nos Estados Unidos, integrando a Escola de Palo Alto. Para uma biografia do autor, ver Lipset (1980).
- 2 Essa ideia está na base da Escola de Palo Alto, o que fica evidente em *A pragmática da comunicação* (Watzlawick, Beavin e Jackson, 2002).
- 3 O interesse pela cultura é central no pensamento de Bateson, que se volta para tribos e povos específicos, como nos trabalhos desenvolvidos em Bali (Bateson e Mead, 1942) e Nova Guiné (2008). Seu objetivo é “construir uma teoria da cultura que supera em muito o quadro da sociedade estudada” (Winkin, 1998, p. 37).
- 4 Sobre a obra de Goffman, ver os diferentes artigos que compõem um dossiê especial sobre o sociólogo publicado em *RBCS* em outubro de 2008 (vol. 23, n. 68).

- 5 Esse conceito é discutido por Goffman a partir do trabalho de William Thomas (1966), para quem “a interação e seu desenvolvimento dependem [...] de um compartilhamento e/ou cumplicidade” (Velho, 2008, p. 146), ou seja, de uma boa *definição da situação* pelos atores sociais ali engajados.
- 6 Esse conceito é introduzido por Goffman em *Frame analysis* (1986), mas explorado especificamente em texto posterior, publicado pela primeira vez em 1979.
- 7 Essa questão é poeticamente expressa por Goffman (1967, p. 3), quando ele afirma que sua metodologia busca apreender *os momentos e seus homens*. A frase evidencia que os seres humanos são produzidos ao longo das situações, não lhes cabendo a prerrogativa de determinar a forma e o desdobramento das interações.
- 8 Uma análise desse caso, comparando-o ao assassinato de Ângela Diniz, ocorrido em 1977, foi realizada por Lana (2010).
- 9 Meniconi (2005, p. 67) enfoca interações: 1) entre os próprios participantes que estão na casa; 2) entre eles e a produção do BBB; e 3) entre eles e o público.
- 10 Esta aproximação entre *enquadre* e contexto é sugerida por Gilberto Velho (2008).
- 11 Defendendo uma perspectiva baseada na teoria da escolha racional, Levin (2005) destaca que, em um ambiente competitivo e dependendo da estrutura de oportunidades políticas, organizações sociais podem adotar quatro táticas diferentes: 1) negar os *frames* dos adversários; 2) incorporá-los; 3) inovar; 4) silenciar-se.
- 12 Importante mencionar, aqui, o modo como o supra-mencionado estudo de França (2009) sobre o assassinato de Eloá consegue superar esse risco: ao identificar como a mídia poderia ter discutido o caso a partir da questão da violência de gênero, a autora chama a atenção para as relações de poder que conformam a visão sobre homens e mulheres em nossa sociedade.
- 13 A crítica, aqui, volta-se ao interessante trabalho realizado por Vimieiro (2010). A pesquisadora fez um louvável e inovador esforço de decompor os enquadramentos em subelementos, enfeixando-os através de um *software* especializado em *cluster analysis*. No entanto, quando se presta atenção aos tipos de categorias produzidas, nota-se que os enquadramentos encontrados não apenas se sobrepõem, mas que os feixes produzidos trabalham os subelementos de maneiras variadas. Tanto que a maioria dos grupos não envolve todos os elementos apontados pela pesquisadora como importantes na composição de um *frame*. Nesse sentido, os enquadramentos encontrados configuram-se mais como grupos de notícias.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Afonso. (1994), “A campanha presidencial no *Jornal Nacional*: observações preliminares”. *Comunicação & Política*, 1 (1): 23-40.
- ALDÉ, Alessandra. (2004), “Mídia e guerra: enquadramentos do Iraque”. Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), São Bernardo do Campo, SP.
- ANDALÉCIO, Marina Lopes. (2010), *Em busca da fama: performances e representações no programa Ídolos*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (datilo.).
- AZEVEDO, Andrea. (2009), “Os debates sobre o aborto na mídia brasileira: enquadramentos midiáticos e conseqüências políticas”. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Belo Horizonte.
- BATESON, Gregory. (2000), “A theory of play and fantasy”, in _____. *Steps to an ecology of mind*, Chicago, University of Chicago Press.
- _____. (2002), “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”, in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (orgs.), *Sociolinguística interacional*, 2. ed., São Paulo, Loyola.
- _____. (2008), *Naven*. São Paulo, Edusp.
- BATESON, Gregory & MEAD, Margareth. (1942), *Balinese character: a photographic analysis*. Nova York, New York Academic Sciences.
- BOHMAN, James. (2007), “Political communication and the epistemic value of diversity: deliberation and legitimation in media societies”. *Communication Theory*, 17 (4): 348-355.
- BOLTANSKI, Luc & THÉVENOT, Laurent. (2006), *On justification: economies of worth*. New Jersey, Princeton University Press.
- CALLAGHAM, Karen & SCHNELL, Frauke. (2001), “Assessing the democratic debate: how the news media frame elite policy discourse”. *Political Communication*, 18 (2): 183-213.
- CEFAÏ, Daniel. (2007), “Pourquoi se mobilise-t-on? Lês théories de l'action collective”. Paris, La Découverte/M.A.U.S.S.

- _____. (2009), "Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva". *Dilemas*, 2 (4): 11-48.
- CHONG, Dennis & DRUCKMAN, James N. (2007a), "Framing Theory". *Annual Review of Political Science*, 10 (1): 103-126.
- _____. (2007B), "A theory of framing and opinion formation in competitive elites environments". *Journal of Communication*, 57 (1): 99-118.
- D'ANGELO, Paul. (2002), "News framing as a multiparadigmatic research program: a response to Entman". *Journal of Communication*, 52 (4): 870-888.
- DRUCKMAN, James N. (2004), "Political preference formation: competition, deliberation and the (Ir)relevance of framing effects". *American Political Science Review*, 98 (4): 671-686.
- DRUCKMAN, James N. & NELSON, Kjersten R. (2003), "Framing and deliberation: how citizens' conversations limit elite influence". *American Journal of Political Science*, 47 (4): 729-745.
- ENTMAN, Robert M. (1993), "Framing: toward a clarification of a fractured paradigm". *Journal of Communication*, 43 (4): 51-58.
- FERREE, Myra Marx *et al.* (2002), *Shaping abortion discourse: democracy and the public sphere in Germany and the United States*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FRANÇA, Vera R. V. (2009), "O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático". Trabalho apresentado no VI SOPCOM, Lisboa.
- GAMSON, William. (1992), *Talking politics*. Cambridge/Nova York/Melbourne, Cambridge University Press.
- GAMSON, William & MODIGLIANI, André. (1989), "Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach". *American Journal of Sociology*, 95 (1): 1-37.
- GITLIN, Todd. (1980), *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press.
- GOFFMAN, Erving. (1967), *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York, Pantheon Books.
- _____. (1986), *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston, Northeastern University Press.
- _____. (2002), "Footing", in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez, (orgs.), *Sociolinguística interacional*, 2. ed., São Paulo, Loyola.
- LANA, Cecília. (2010), "Acontecimento midiático e ressonâncias pragmáticas: a produção de sentido em torno de crimes passionais". Monografia de graduação, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (datilo.).
- LEVIN, David. (2005), "Framing peace policies: the competition for resonant themes". *Political Communication*, 22 (1): 83-108.
- LIPSET, David. (1980), *Gregory Bateson: the legacy of a scientist*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall.
- MCADAM, Doug. (1996), "The framing function of movement tactics: strategic dramaturgy in the American civil rights movement", in D. McAdam, J. D. McCarthy e M. N. Zald, *Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MAIA, Rousiley C. M. (2009), "Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razões". *Revista Brasileira de Ciência Política*, 2: 303-340.
- MARQUES, Ângela. (2007), *O processo deliberativo a partir das margens: o programa Bolsa-Família na mídia e na fala das beneficiárias*. Belo Horizonte, tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (datilo.).
- MENDONÇA, Ricardo F. & SANTOS, Débora B. (2009), "A cooperação na deliberação pública: um estudo de caso sobre o referendo acerca da proibição da comercialização de armas de fogo no Brasil". *Dados*, 52 (2): 507-542.
- MENICONI, Joana de Almeida. (2005), *De olho no Big Brother Brasil: a performance mediada pela TV*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (datilo.).

- MOUILLAUD, Maurice. (2002), *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília, Editora da UnB.
- PEREIRA, Leonardo Gomes. (2009), *A TV em pânico: o enquadramento das celebridades pelo programa Pânico na TV*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (datilo.).
- PORTO, Mauro. (2004), “Enquadramentos da mídia e política”, in A. A. C. Rubim (org.), *Comunicação e política: conceitos e abordagens*, Salvador/São Paulo, Edufba/Editora da Unesp.
- QUÉRÉ, Louis. (1995), “L’espace public comme forme et comme événement”, in I. Joseph (org.), *Prendre place: espace public et culture dramatique*. Paris, Recherches.
- _____. (2000), “L’individualisation des événements dans le cadre de l’expérience publique”, in P. Bourdon (org.), *Processus du sens*, Paris, L’Harmattan.
- REESE, Stephen D. (2007), “The framing project: a bridging model for media research revisited”. *Journal of Communication*, 57 (1): 148-154.
- RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). (2002), *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo, Loyola.
- SCHUDSON, Michael. (2002), “The news media as political institutions”. *Annual Review of Political Science*. 5: 249-269.
- SIMON, Adam & XENOS, Michael. (2000), “Media framing and effective deliberation”. *Political Communication*, 17 (4): 363-376.
- STEINBERG, Marc W. (1998), “Tilting the frame: considerations on collective action framing from a discursive turn”. *Theory and Society*, 27 (6): 845-872.
- THOMAS, William. (1966), *On social organization and social personality. Selected papers*. Chicago, The University of Chicago Press.
- VAN GORP, Baldwin. (2007), “The constructionist approach to framing: bringing culture back in”. *Journal of Communication*, 57 (1): 60-78.
- VELHO, Gilberto. (2008), “Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais”. *RBCS*, 23 (68): 145-148.
- VIMIEIRO, Ana Carolina Soares Costa. (2010), *Cultura pública e aprendizado social: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008)*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (datilo.).
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H. & JACKSON, Don D. (2002), *Pragmática da Comunicação Humana*. 13. ed. São Paulo, Cultrix.
- WEAVER, David. (2007), “Thoughts on agenda setting, framing and priming”. *Journal of Communication*, 57 (1): 142-147.
- WINKIN, Yves. (1998), *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP, Papirus.

ENQUADRAMENTO: DIFERENTES OPERACIONALIZAÇÕES ANALÍTICAS DE UM CONCEITO

Ricardo Fabrino Mendonça
e Paula Guimarães Simões

Palavras-chave: Enquadramento; Erving Goffman; Metodologia qualitativa.

O artigo discute o conceito de enquadramento e algumas de suas operacionalizações analíticas. Partimos de uma reflexão acerca das raízes da noção de *frame* no pensamento de Gregory Bateson e Erving Goffman, explorando três vertentes de investigação dela derivadas: 1) estudos microsociológicos centrados na análise da situação interativa; 2) análises de conteúdo discursivo; e 3) análises de *framing effects*. Para concluir, abordamos alguns riscos e possibilidades que emergem desse panorama diversificado. Salienta-se a necessidade de enfoques atentos à dimensão intersubjetiva e social dos enquadramentos.

FRAMING: DIFFERENT ANALYTIC APPROACHES TO A CONCEPT

Ricardo Fabrino Mendonça
and Paula Guimarães Simões

Keywords: Framing; Erving Goffman; Qualitative methodology.

The article discusses the concept of frame and some of its analytic operationalizations. Starting with a reflection about the roots of the notion of frame in the works of Gregory Bateson and Erving Goffman, three investigative approaches deriving from it are subjected to analysis: (1) micro-sociological studies centered in the analysis of interactive situations; (2) discursive content analysis; and (3) framing effects analysis. To conclude, the article discusses some risks and possibilities emerging from this diversified set of approaches. It is emphasized the need of perspectives attentively concerned with the inter-subjective and social dimension of framings.

ENCADREMENT: DIFFÉRENTES OPÉRATIONNALISATIONS ANALYTIQUES D'UN CONCEPT

Ricardo Fabrino Mendonça
et Paula Guimarães Simões

Mots-clés: Encadrement; Erving Goffman; Méthodologie qualitative.

L'article discute le concept d'encadrement et certaines de ses opérationnalisations analytiques. Nous partons d'une réflexion sur les racines de la notion de frame suivant la pensée de Gregory Bateson et Erving Goffman, en explorant ses trois axes de recherche: 1) les études microsociologiques centrées sur l'analyse de la situation interactive; 2) les analyses de contenu discursif; et 3) les analyses de framing effects. Pour conclure, nous abordons quelques risques et possibilités qui émergent de ce panorama diversifié. Nous soulignons le besoin de points de vue qui considèrent la dimension intersubjective et sociale des encadrements.